

## DISCURSO AMOROSO E ESCRITURA LITERÁRIA EM MIKHAIL BAKHTIN E ROLAND BARTHES

Augusto Ponzio<sup>1</sup>

Tradução de Vanessa della Peruta

### Resumo

Acontece uma relação muito estreita entre escritura literária e discurso amoroso, não somente mas também entre as relações que unem o autor, herói e leitor e o amor. Tanto Mikhail Bakhtin, quanto Roland Barthes tematizam esse relacionamento mas não de maneira especialista e isolada, não da maneira em que o fazem os críticos literários. A eles interessa a relação entre arte e particularmente a arte verbal, a escritura literária e a vida; interessa a contribuição da arte em relação a compreensão respondente, ao viver junto, ao escutar e o acolhimento do outro na vida cotidiana.

**Palavras-chave:** Amor, escritura literaria, singularidade, unicidade, vida

Mikhail Bakhtin (1895-1975) em “K Filosofii Postupka” ( tradução no Brasil “Para uma Filosofia do Ato Responsável”, 2010) escrito nos anos vinte mas publicado somente em 1986 com o título dado pelo curador Sergej G. Bocarov, “Per una Filosofia dell’Azione Responsabile”, para caracterizar a linguagem literária, mais especificamente a relação entre autor e herói fez-se recurso do discurso amoroso. Vice versa Roland Barthes (1915-1980) nos seminários na École pratique des hautes études sobre o discurso amoroso de 1974-1976 utiliza muito frequentemente a escritura literária para falar do amor.

Tanto a Bakhtin quanto a Roland Barthes, a escritura literária interessa em um sentido bem diferente daquele o qual se interessa um crítico literário: vale dizer que não de um ponto de vista abstratamente estético como arte do “escrever de forma bela” mas de um ponto de vista que se pode, sem dúvida, ser caracterizado como “filosófico”.

O próprio Bakhtin, também fazendo um balanço durante os últimos anos de sua vida, de seu trabalho completo de estudo e

1 Professore di Filosofia del linguaggio, Università di Bari (Italia). Email: augustoponzio@libero.it

pesquisa, se define como “filósofo” e o seu texto sobre a filosofia do ato responsável, escrito no início de sua produção, confirma essa afirmação plenamente.

D: Mas o senhor não era também um classicista?  
 B: Já fui... Eu era um filósofo. Veja, eu diria dessa forma...  
 D: O senhor era mais filósofo que filólogo?  
 B: Filósofo mais do que filólogo. Filósofo. E assim permaneci até os dias de hoje. Sou um filósofo. Sou um pensador (BACHTIN, 2008, p. 120).

*Sou um filósofo. Sou um pensador* (BAKHTIN, 2012, p. 45).

Este diálogo faz parte da primeira de seis conversas que aconteceram entre 22 de fevereiro e 23 de março de 1973, entre Bakhtin (B.) e Victor Duvakin (D), e que foram publicadas em russo em sua primeira edição no ano de 1996 e em segunda edição no ano de 2002. (trad. it. M. BAKHTIN, 2008, p. 120; trad. brasileira MIKHAIL BAKHTIN, 2012, p. 45).

A perspectiva segundo a qual Roland Barthes considera o discurso amoroso é também uma perspectiva especificamente filosófica. Sob esse olhar é significativa a epígrafe que Roland Barthes traz ao segundo seminário. Se trata de uma frase de Nietzsche, *A Gaia Ciência*.

Mas nós, sedentos por razão, queremos olhar nos olhos as nossas experiências de vida com igual rigor tal como consideramos um experimento científico, hora por hora, dia após dia! Queremos ser nós mesmos os nossos próprios experimentos e os nossos próprios sujeitos de experimentação (NIETZSCHE, 1977, p. 229).

É também significativo que, como em Bakhtin, os textos de referência de Roland Barthes não seja somente textos literários, mas também filosóficos. Todo o primeiro seminário é dedicado principalmente a *Os sofrimentos do jovem Werther* de Goethe utilizado como “texto tutor”; com o mesmo objetivo, na primeira parte do segundo seminário, Barthes emprega o *Fedro* e o *Banquete de Platão*.

Mas o discurso inteiro que Bakhtin desenvolve em sua obra e aquele que Barthes por sua vez desenvolve na sua, não deixam se fechar nos confins de ordem teórica, contudo criticamente fundados. A filosofia do ato responsável é apresentada por Bakhtin como “filosofia moral” e a filosofia de Roland Barthes é a filosofia do discurso amoroso, filosofia do sujeito na sua singularidade não intercambiável, não objetivável, e a filosofia que busca a modalidade do “vivre ensemble”, tema que dá nome ao título de

um dos seus últimos seminários ao Collège de France. Deve-se lembrar que no mesmo escrito “programático” de 1919, Bakhtin escrevia: De tudo aquilo que vivi e compreendi da arte, devo responder com toda a minha vida a fim de que tudo aquilo que vivi e compreendi não permaneça em minha vida inativo. (in BAKHTIN E IL SUO CIRCOLO, 2014, p. 29).

Em Bakhtin, como resultado do seu primeiro escrito (1919) “Arte e Responsabilidade” (in MIKHAIL BAKHTIN E IL SUO CIRCOLO, Opere 1919-1930) o problema é aquele de se relacionar arte e vida e então de fazer com que aquilo que se aprende na arte, em particular na arte verbal, na literatura, seja realizado na vida. E o que se aprende? Se aprende a relação particular que diz respeito a relação entre autor e héroi, entre autor e “protagonista” da obra literária. No que isso consiste? No amor do outro, na dedicação ao outro, no escutar, no acolher ao outro. Há um terceiro texto além de “Arte e Responsabilidade” e “Por uma filosofia do ato responsável” um texto que segue imediatamente o segundo e faz referência “O Autor e o Herói” onde Bakhtin mostra que na escritura literária se realiza aquela relação particular que ele busca em “Por uma Filosofia do Ato Responsável”: isso é, aquele no qual se é possível a compreensão e a descrição do indivíduo humano na sua irrepetível singularidade, incomparável unicidade, sem reduzi-lo então a um objeto em uma relação de imparcialidade, de indiferença, de não participação, em vez disso, acolhê-lo segundo uma relação de não indiferença, de compreensão respondente.

Pela sua posição de escuta, a escritura literária é aquela que mais se aproxima e que melhor retrata o ponto de vista do enamorado, sobretudo quando essa, graças a sua capacidade de compreensão respondente, de palavra não objetiva, não direta, à sua capacidade de calar-se, se faz ela mesma discurso amoroso. Como escreve Bakhtin em “Por uma filosofia do ato responsável” (1929, tr. it. In BAKHTIN E IL SUO CIRCOLO 2014, pp. 145-147).

Il rapporto dell'autore col suo eroe è un interesse disinteressato; si può parlare di amore estetico oggettivo – ma senza attribuire a questa espressione un significato psicologico passivo – come principio della visione estetica. La varietà di valore dell'esistere in quanto umano può essere data solo alla contemplazione amorosa; solo l'amore è in grado di affermare e consolidare, senza perderla e senza disperderla, questa varietà e molteplicità, senza lasciare soltanto il nudo scheletro delle linee e dei momenti di senso fondamentali. Solo un amore disinteressato secondo il principio “non lo amo perché è bello ma è bello perché l'amo”, solo un'attenzione amorosamente interessata, può sviluppare una forza abbastanza intensa da abbracciare e trattenere la concreta varietà dell'esistere, senza impoverirlo e senza schematizzarlo (BACHTIN, 2014, pp. 145-147).

A relação do autor para com seu herói é um interesse desinteressado; pode-se falar de um amor estético objetivo – mas sem atribuir a esta expressão um significado psicológico passivo – entendendo-a como o princípio da visão estética. A diversidade de valor do existir enquanto humano (isto é, correlato com um ser humano) pode apresentar-se somente à contemplação amorosa; somente o amor está em condição de afirmar e consolidar, sem perder e sem desperdiçar, esta diversidade e multiplicidade, sem deixar atrás apenas um esqueleto nu de linhas e momentos de sentido fundamentais. Somente um amor desinteressado segundo o princípio “não o amo porque é bonito, mas é bonito porque o amo”, somente uma atenção amorosamente interessada, pode desenvolver uma força muito intensa para abraçar e manter a diversidade concreta do existir, sem empobrecê-lo e sem esquematizá-lo (BAKHTIN, 2010, p. 127).

Mas a mesma relação trazida no confronto de seus seminários resulta no que é descrito por Roland Barthes como um discurso de amor. Sob esse olhar é interessante quanto ao que Barthes escreve em um texto intitulado “Au Séminaire” incluído em *Le lexique de l'auteur. Séminaire a l'École pratique des hautes études, 1973-1974 suivi de Fragments inédits du Roland Barthes par Roland Barthes* (2010). Este volume pertence a mesma série na qual foi publicado esse seminário sobre o discurso amoroso: ou seja “Les cours et les séminaires de Roland Barthes”, diretta da Éric Marty. “Au Séminaire” (pp. 43-86) traduzido na edição italiana por *Le bruissement de la langue* (1984), *Il brusio della lingua* (O Zumbido da Língua) (1988, pp. 343-352) já dá uma ideia ao leitor de como Barthes destinava e conduzia os seus seminários.

Entretanto o título: “Ao seminário” tem, como diz Roland Barthes, uma tríplice valência: é um locativo, um elogio e uma dedicatória.

*Ao seminário:* Esta expressão deve ser compreendida como um locativo, como um elogio ( qual aquela que o poeta Schober e o músico Schubert direcionaram “à Musica”) e como uma dedicatória. (ivi, p. 352).

O seminário é o espaço no qual um grupo de estudantes e um docente (na realidade “directeur d'études”, um diretor de estudos) se encontram; é o objeto de uma espécie de leve delírio amoroso; é enfim, quase um nome próprio, o qual Roland Barthes destina uma escritura afetuosa.

É um lugar real ou um lugar fictício? Nem um nem outro. É uma instituição traçada sobre o modelo utópico: eu delineio um espaço e

o chamo de *seminário*. É verdade que a assembleia a qual me refiro acontece todas as semanas em Paris, isso é, aqui e agora, mas estes advérbios são fantásticos a sua maneira. Não existe alguma garantia de realidade, mas nem mesmo há gratuidade na anedora. Se poderia também dizer de uma maneira diversa. Isso é, que o seminário (real) é para mim o objeto de um (leve) delírio, e que eu sou, literalmente apaixonado por este objeto (ivi, p. 342).

O amor, tema dos dois seminários nos anos de 1974-1976, e então tema do livro que os contém, é já presente na relação com o próprio seminário enquanto tal, que é portanto já “discurso amoroso”. Desta maneira e exatamente por isso, o “sujeito enamorado” do qual se fala, não é perfeitamente separável do sujeito que fala, do seu discurso; discurso então irreduzível a “metadiscurso”, “metalinguagem” objetivo, asséptico, “cientificamente puro”.

Um problema comum a Mikhail Bakhtin e Roland Barthes que se revela majoritariamente quando Bakhtin reflete sobre como é possível uma filosofia do ato responsável e Barthes sobre como é possível falar do discurso amoroso, é aquele que diz respeito à relação entre discursos, ou verdadeiramente entre linguagem e metalinguagem, entre discurso e metadiscurso.

Na parte introdutória do texto sobre a filosofia do ato responsável, Bakhtin coloca o problema da possibilidade de colher o “caráter de evento” único, singular, irrepetível, que caracteriza o ato, aqui compreendido como ato de palavra, qual unidade fundamental da existência de cada um, no seu valor e na sua unidade de vivo devir e de autodeterminação.

No momento em que de um ponto de vista teórico - científico, filosófico, historiográfico – ou estético, se determina o sentido de tal ato, esse último perde o caráter de evento único, o qual é efetivamente como ato vivido, e assume um valor genérico, um significado abstrato.

Bakhtin rejeita a concepção muito radicada e acreditada de verdade formada por momentos gerais, universais, como algo repetitivo e constante, separada e contraposta ao singular e subjetivo. Ele distingue entre verdade “istina”, como valor abstrato, a veracidade, o verdadeiro como ideal universalmente indiscutido mas no qual não há no ato um reconhecimento efetivo, e a verdade “pravda” como entonação do ato, como sua afirmação, isto é, em direção à qual tende e pela qual se verifica e que o verifica.

É um triste equívoco, herança do racionalismo, considerar que a verdade (*pravda*) possa ser só a verdade universal (*istina*) feita de momentos gerais, e que, por consequência, a verdade (*pravda*) de uma situação consista exatamente naquilo que ela possui de reprodutível e permanente, considerando além disso que aquilo que é universal e idêntico (logicamente idêntico) seja verdadeiro por princípio [...] (BAKHTIN E IL SUO CIRCOLO 2014, p. 99).

Roland Barthes em *A Câmara Clara* (tr. it. 1980) coloca o mesmo problema. Por que não deveria existir, em um certo sentido, uma nova ciência para cada sujeito? Uma *Mathesis Singularis* (e não mais *universalis*)? Este problema se torna inevitável quando se quer falar do discurso do enamorado.

A questão não é simplesmente de ordem teórica e limitada ao âmbito cognoscitivo. Se trata também de uma questão que diz respeito diretamente à vida de cada um e que tem uma incidência profunda sobre essa vida, de uma questão na qual entra em jogo a qualidade da vida, o reconhecimento da diferença singular de cada um, pelo fato de que a organização social em si, a modelização cultural própria da vida, funciona sob a base de classificações, de ordenação de classes, de atribuição de pertencimentos, recorre ao gênero, ao universal como condição da identificação, da diferenciação, da individualização. A diferença oficialmente reconhecida é aquela da identidade, da atribuição a um grupo, uma diferença indiferente à singularidade, à unicidade, a não intercambialidade de cada um.

Assim se cria uma divisão entre dois mundos reciprocamente impenetráveis e não comunicantes: o mundo não oficial da vida vivida e o mundo oficial da cultura, do social feito de relações entre identidades, entre papéis, entre pertencimentos, entre diferenças indiferentes, entre indivíduos que como tais são individualizados por coordenadas que os assumem como representativos deste ou daquele outro grupo. Por um lado, a singularidade de cada um, a sua unicidade, sua condição de ser insubstituível, a peculiaridade de suas relações, do seu vivido, das suas coordenadas espaço-temporais e axiológicas, a não derrogação de sua responsabilidade sem álibi; por outro lado, as relações de troca entre os indivíduos representantes da identidade, e portanto, em cada caso entre grupos, gêneros, pertencimentos, comunidades, classes, aglomerados, coletivos.

Também a singularidade, a unicidade, a alteridade de cada um com sua participação e não indiferença na singularidade do outro, ao outro como único e insubstituível, a singularidade com sua responsabilidade sem álibi, permanece assim

relegada ao privado, à base do oficial, público, formal, cultural, da identidade com suas responsabilidades garantidas e delimitadas pelo álibi. Tudo aquilo que é geral adquire sentido e valor a partir do lugar único do singular, do seu reconhecimento, baseado no seu “não álibi no existir”. Não-Álibi” significa “sem desculpas”, “sem escapatória”, mas também “impossibilidade de estar em qualquer outro lugar” em relação ao meu único e singular lugar que ocupo no meu existir, existindo, vivendo.

Aquilo que unifica os dois mundos assim descritos é o evento único do ato singular, participativo, não indiferente. Reencontra-se aqui a mesma problemática exposta naquilo que resultou o primeiro escrito publicado por Bakhtin em 1919, intitulado “Arte e Responsabilidade”, onde a questão confrontada é, como dissemos, aquela da relação entre arte e vida, e onde a solução é proposta nos mesmo termos. Tudo aquilo que tem valor formal e técnico uma vez que se separe da unidade singular do existir de cada um e seja abandonado à vontade das leis imanentes do seu desenvolvimento, pode se tornar, diz Bakhtin, algo de terrível e irromper nesta unidade singular da vida de qualquer um como uma força irresponsável e devastante.

Na sessão em que em “Para uma filosofia do ato responsável” segue àquela introdutiva e que é indicada como “Primeira Parte”, Bakhtin confronta concretamente a questão da possibilidade de se considerar e descrever como se constrói e se organiza a unicidade e a unidade de um mundo não abstratamente sistemático, mas concretamente arquitetônico sobre o plano valorativo e espaço-temporal, a partir do lugar único que, de modo insubstituível, cada um ocupa na sua responsabilidade sem álibi, enquanto centro participativo e não indiferente. A compreensão de tal arquitetura não pode surgir de um ponto de vista objetivo, indiferente, que seja incapaz de compreender aquilo que descreve e terminaria assim por empobrecê-lo com o perder de vista dos detalhes que o fazem vivo e diverso. Mas nem mesmo é possível basear-se sobre a empatia que seria essa também, se fosse possível, um empobrecimento que reduziria a uma só visão a relação entre duas posições reciprocamente externas e não permutáveis. Para Bakhtin, a interpretação-compreensão dessa arquitetura pressupõe que essa se realiza a partir de uma posição externa, extralocalizada, exotópica, outra, diferente e ao mesmo tempo não indiferente, mas à sua maneira participativa.

Assim são dados dois centros de valor, aquele do eu e aquele do outro, que são “dois centros de valor da vida em si” entorno aos quais se constrói a arquitetura do ato responsável. E é necessário que estes dois centros de valor permaneçam

reciprocamente outros, que permaneça a relação arquitetônica de dois outros, pelo que concerne ao ponto de vista espaço-temporal e axiológico.

E assim, Bakhtin, em “Por uma filosofia do ato responsável”, individualiza como possibilidade de uma visão do gênero aquela que se realiza na arte, especificamente na arte verbal, na escritura literária.

Então, na escritura literária, Bakhtin encontra realizada a compreensão da arquitetura que a sua filosofia moral, ou filosofia primeira, se propõe: essa instaura uma relação que permite a manutenção da alteridade do centro de valor de tal arquitetura que é considerada de um ponto de vista externo, extralocalizado, exotópico, por sua vez único e outro. Se trata exatamente da relação autor e herói no âmbito do texto literário. E para melhor esclarecer a disposição arquitetônica da visão da escritura literária, Bakhtin a considera em uma obra determinada, em uma poesia de amor, a poesia de Puškin “Razluka” (Separação).

Basta considerar a diferença entre a escrita definitiva do início da poesia

Per le rive della patria lontana  
Stavi lasciando il suolo straniero.  
e la prima  
Per rive di terra estranea e lontana  
Stavi tu lasciando il suolo natìo<sup>2</sup>.

para se perceber aquilo que torna poético esses versos é o encontro de duas vozes, a dela, a qual pertencem as palavras “pátria” e “solo estrangeiro”, e a dele que conta sobre o adeus, a separação, vozes unidas em coro no adjetivo “distante”. Na verdade as vozes e portanto os pontos de vista, nessa poesia, são três, porque agora junto a ele a quem pertence a voz que narra a dolorosa experiência da separação, sabe que o adeus seria para sempre, pois ela já estava morta, nesse momento. Na primeira elaboração existe somente a voz dele: somente a ele se referem as expressões “terra estrangeira e distante” e “solo nativo”. Não há mais o outro, não há a escuta, o acolhimento da palavra outra, não há, apesar de ser uma poesia de amor, o amor pelo outro. Puškin, o poeta Puškin, percebe isso e muda os dois versos.

---

2 Para a costa da pátria distante  
Você deixava o solo estrangeiro  
e a primeira  
Para a costa da terra estranha e distante  
Você deixava o solo nativo.

Em Bakhtin o problema da relação entre palavra própria e palavra do outro, entre palavra reportada e palavra reportante, se encontra quando na sua monografia sobre Dostoiévsky (1929 e 1963) ele analisa a palavra “a mais vozes” com o objetivo de caracterizar a palavra em Dostoiévsky. Valentin N. Volochínov, um dos maiores representantes junto a Pavel N. Medvedev do Círculo de Bakhtin, dedica a esse mesmo problema toda a terceira parte de *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929), se ocupando das diversas formas do discurso reportante, o discurso direto, indireto e suas variantes.

Também no livro de Barthes sobre o discurso amoroso a questão de como deve acontecer a relação entre discurso reportado e discurso que reporta desenvolve um papel central nos termos de relação entre discurso e metadiscurso, entre linguagem e metalinguagem.

“Cada *distância* no olhar do discurso amoroso”, observa Barthes no discurso introdutório no segundo seminário (1975-76), “é de todo modo insustentável, não pode durar por muito tempo: a metalinguagem é uma ilusão (não há ciência do amor!)”. Barthes simpaticamente descreve o discurso-sobre-o-discurso amoroso usando o modelo de Gif-sur-Yvette (um vilarejo do vale de Chevreuse que se estende ao longo da margem do rio Yvette) e depois conclui: “Mas nos *dissolveremos* esta estrutura[...] O Yvette invade Gif, o discurso amoroso irriga a sua metalinguagem” (BARTHES 2015, v. Encontros dos seminários de 8 e de 15 de Janeiro de 1976)..

No primeiro seminário (1974-75) existe um texto-objeto, o texto tutor, e um texto que em quanto texto leitor, já exclui as ilusórias pretensões de objetividade, de metalinguagem científica, e se reconhece como texto Roland que se interliga com o primeiro, segundo um movimento espiral sem possibilidade de fechamento. No segundo seminário, deixando de lado o texto tutor (nem o *Werther* de Goethe, nem *O Banquete* de Platão, nem a *Gradiva* de Jensen e Freud: nenhum texto guia) o *texto Roland* transborda e a interferência aumenta entre discurso do sujeito enamorado e discurso do sujeito que fala de amor. Esses falam de amor à razões visíveis, adequadamente e oportunamente, e é por isso que ele também é enamorado:

1) *enamorado por sua profissão* (v. parágrafo “Io faccio il mio mestiere” no já citado encontro de 15 de Janeiro de 1976); *enamorado pelo objeto* com o qual se ocupa, que é “falado por milhares de indivíduos, mas não é sustentado por ninguém, desvalorizado, escarnado, excluído não só do poder mas também de seus mecanismos (ciência, arte, saber) [...] arrastado na deriva do ultrapassado,

expulso de qualquer forma de gregarismo” (*Fragments de um discurso amoroso*, tr. It. 1979,2014, p.3]); 3) *enamorado pelo seminário* (“*Ao seminário*”, cit. p. 42).

O meu próprio texto o qual chamei *en passant*, no ano passado, de *texto Roland*, não pode ser de fato outro que não o texto de Roland, tanto que ele/esse foi ou é ou será sujeito enamorado; e o nosso seminário (algo explicitamente dito no ano passado) = discurso do sujeito enamorado. Por meio do seminário, eu sou o escritor do discurso amoroso que se escreveu, se escreve ou se escreverá em mim.

Este recurso ao meu próprio “Texto” para fundar um trabalho de análise, de classificação, uma pesquisa, um seminário, aparecerá como um erro muito grave, uma aberração didática e científica: será dito, (e não será a primeira vez), que eu sou “subjetivo”. Subjetividade? Faço uma ressalva sobre esta palavra:

Mito: objetividade/subjetividade: cientificismo positivista. Se dá a partir do momento no qual se adequam indevidamente as ciências humanas às ciências naturais: mesmos métodos, mesmo Super-Eu. Isso ainda perdura[...]

Se pode dizer que a relação entre Werther e o texto Roland o qual eu reescrevo no seminário – ou seja, fora de qualquer confiança privada – é [...] uma relação de palimpsesto (BARTHES, 2015, Incontro del 15 gennaio 1976, “La palinodia. Seguito”, § “La memoria confusa”).

Nos termos de Mikhail Bakhtin e do seu círculo, seria possível dizer que na passagem do primeiro seminário ao segundo se assiste a uma passagem do discurso indireto ao discurso indireto livre, ao discurso direto. No discurso indireto os dois discursos, aquele que interpreta e aquele que é interpretado ainda são mais ou menos distinguíveis apesar da prevalência do primeiro sobre o segundo: o discurso reportante, analisante – o metadiscurso - prevarica sobre o discurso reportado, o interpreta, o explica, o manipula. No discurso indireto livre, ao invés é a palavra reportada que penetra na palavra reportante , a influencia, contagia, retroagindo sobre ela e dando lugar a uma relação de interferência máxima, até o ponto no qual não se pode mais falar de discurso ou de metadiscurso. Isso acontece sobretudo no segundo seminário onde a interferência atinge um grau elevado mas continua a se fazer ouvir porque entre o discurso reportante e discurso reportado não há fusão ou indistinção e se trata, ao contrário, de um grau elevado de dialogicidade sem síntese, sem conclusão, destotalizante e atotalizada , como pode acontecer em uma obra literária centrada na escuta como compreensão respondente da palavra do outro (do herói) mais do que na organização de um reconto.

O nosso discurso se assume, isso é, se *pratica* na atotalidade. [...] Assim sendo, D [discurso]  $\rightarrow$  DA [discurso amoroso], como ruptura

e sobre-ruptura, é como uma “obra” (literária ou artística) mas da ordem das segundas obras, a qual a literatura e a arte se aproximam pouco a pouco [...] (isso é, o contrário de uma reconstrução, de uma restauração, de uma unificação), que constitui a obra de arte segunda, a nova obra de arte. O nosso seminário é *uma obra de arte*. (BARTHES, p. 53, 2015).

No livro *Fragmentos de um discurso amoroso*, a forma de discurso reportado constituída pelo discurso indireto e pelo discurso indireto livre, encontrada nos dois seminários, parece ser substituída por aquela do discurso direto: “É então um enamorado que fala e diz:” (BARTHES, 1977, p. 11). Mas a interferência entre discurso que reporta e discurso reportado – também quando esse, como é justo que seja pelo discurso amoroso, venha reportado segundo o seu papel de eu – acontece sempre, porque não se trata de palavra registrada, transcrita, mas de palavra de escritura, de palavra em escuta para além de palavra escutada, a qual o espaço é o “espaço literário”, um “espaço lateral”, “alusivo”, “espaço elíptico de cumplicidade”, “de meias palavras”: então ainda palavra indireta e de interferência, palavra, pode-se dizer, de discurso indireto livre.

Também porque a palavra do Eu, do enamorado se constitui no seminário que aqui significa: na *escuta recíproca*, entre aquele que conduz o seminário e seu auditório. E isso se dá também entre os dois anos dos dois seminários sucessivos sobre o discurso amoroso, ainda que se retorne sobre os mesmos temas, com os mesmos métodos, interesses, categorias, figuras, não há repetição mas retomada, reelaboração, ampliação, inovação, e se proceda então na ordem de *palin* (advérbio grego; em latim *rursum*; em italiano *de novo* (da estaca zero) para trás e de novo). Na escuta “o discurso se multiplica com todas as escutas, vibrações, prolongamentos, projeções nas quais a interlocução o capta” (primeiro dia do segundo seminário, 8 de janeiro de 1976).

[...] O seminário trabalha com a *produção das diferenças* [...] mas o que se quer dizer com diferença? Que cada relação, pouco a pouco (é necessário tempo), *se torna original*: reencontra a originalidade dos corpos presos um a um, se desconstrói a reprodução dos papéis, a repetição dos discursos, se desmantela qualquer exibição de pretígio, de rivalidade.

No seminário (por definição) cada ensinamento é impedido: não se transmite saber algum (mas um sabe e pode ser criado) não se tem discurso algum (mas vai-se em busca de um texto): o ensinamento é *frustrado*. Ou alguém trabalha, pesquisa, produz, reúne, escreve na frente dos outros; ou todos se incitam, se chamam, colocam em

circulação o objeto a ser produzido, o procedimento a ser organizado, que passa assim de mão em mão, suspensos pelo fio do desejo, como o anel no jogo que desse recebe o seu nome (BARTHES, “Al seminario”, pp. 345-348).

A escuta é compreensão *respondente*. A falar no seminário não está somente o “diretor de estudos”; a escuta, se é escuta, se é calar e não silêncio, “*a escuta fala*” (ivi, p. 989), e a escutar não há somente o auditório, mas também quem conduz o seminário.

“A escuta fala”, essa afirmação, que explicitamente ou implicitamente poderia ser indicada como lema do seminário da forma como Barthes o compreende e como de fato resulta o livro *O discurso amoroso* se encontra na voz “Escuta” escrita por Roland Barthes junto a Roland Havas para a *Enciclopedia Einaudi* (1977).<sup>3</sup>

Analogamente, Mikhail Bakhtin em “O problema dos gêneros do discurso” (in Bakhtin, O autor e o herói, 1988, pp. 245-290), observa:

Cada compreensão de um discurso vivo, de uma viva enunciação, tem um caráter ativamente responsivo[...] Naturalmente [...] a compreensão ativamente respondente [...] pode permancer nesse momento como uma compreensão responsiva tácita (alguns gêneros do discurso tem como finalidade apenas esta compreensão, como por exemplo os gêneros líricos), mas se trata por assim dizer, de uma compreensão responsiva à ação retardada [...]. Os gêneros da comunicação cultural complexa, principalmente, possuem como finalidade exatamente esta compreensão ativamente responsiva à ação retardada.

Roland Barthes, como já dito, nos seminários sobre discurso amoroso, faz frequentemente uso da escritura literária, seja na forma do romance seja na dos gêneros líricos, para que assim essa, por sua capacidade de escuta, seja capaz de colocar o falar de amor pelo ponto de vista do próprio enamorado.

A escritura literária sabe há muito sobre o amor, “Quem sabe de escritura, / sempre ama em excesso”, diz a mãe ao filho em um dos *Fabliaux medievali* (Richeut) (v. R. Brusegan, a cura, *Fabliaux. Racconti fancesi medievali*, Torino, Einaudi, 1980, p. 37). Pela homologia de posição entre o enamorado e o escritor, exemplificada Em busca do

---

3 Escuta(Ascolto) é um verbete escrito por Roland Barthes e Roland Havas na Enciclopédia Einaudi, publicada pela editora italiana Giulio Eunadi entre os anos de 1977 a 1984. Escrita originalmente em italiano, a enciclopédia temática, é composta de 15 volumes onde encontramos os verbetes dialogando entre si e concentrando sua atenção sobre os elementos importantes do discurso cultural. Disponível online e CD-Rom.

tempo perdido (o tempo perdido no amor e na escritura de amor, enorme reservatório de signos, dado que o enamorado lê signos por toda parte), Barthes toma, sobretudo dos textos literários os “lemas” das “figuras” do discurso amoroso.

A escritura literária fala da ambivalência da linguagem, da tendência contrastante do dizer e do não dizer, da “ação de deslizamento” exercitável sobre a língua das possibilidades de subtrair-se à identificação entre sujeito que fala e o eu do discurso, da possibilidade de “trapacear com a língua”, de “burlar a língua” (Barthes, “Aula inaugural” al Collège de France, 1977, tr. it. 1981: 10-11), que é burlar o Poder, a Lei, a Ordem do Discurso.

Essa trapaça saudável, esse refinamento, essa magnífica ilusão que permite se conceber a língua de fora do poder, no esplendor permanente da linguagem, eu a chamo: *literatura* (ivi, p. 11).

Todavia a escritura literária é também exposta à ordem do discurso: Roland Barthes em “Ao leitor italiano”, no seu prefácio à edição italiana (1969, pp. 5-9) de “*Critique et vérité*” (1966), descrevia a relação entre literatura e Universidade onde essa nos é “ensinada” como relação, geralmente - embora haja algumas brilhantes excessões - de “prisioneiro com o seu guardião”, ou mesmo como “aquela de um objeto com o sujeito o qual, ficando completamente externo, dela se torna proprietário e reitor” (p.9). A situação atual na qual se deseja uma Universidade funcional ao “Mercado de trabalho”, concebendo-a como estrutura organizada segundo os interesses das grandes empresas, certamente piorou o tratamento da literatura - mais do que “mal tratando-a”, repelindo-a na condição de inútil, dada a sua infuncionalidade constitutiva.

Sob esse olhar são muito belas, além de interessantes, as páginas iniciais da “Introdução” de Éric Marty em *Le discours amoureux* (2007), de Barthes, nas quais, do ponto de vista do significado que tem os seminários de Roland Barthes na École des Hautes Études e al Collège de France a respeito das instituições tradicionais de transmissão de saber e mencionando junto a esses seminários e ensinamentos que dizem respeito a nomes tais como Kojève, Queneau, Jakobson, Lévi-Strauss (a New-York, all’École libre des hautes études), Lacan, Althusser, Deleuze, Foucault..., se afirma que é “toda a história de mudança radical nas práticas de ensino, de transmissão, de “pedagogia”, próprias da modernidade, que seria necessário fazer aqui [...] uma tal história está para ser escrita”.

Também em relação a isso é considerado o distanciamento que, nos confrontos

da doxa, da opinião (-ideologia) dominante, nos confrontos dos lugares ordinários, maiormente e gregariamente frequentados, pelo discurso, assumem, segundo movimentos certamente diversos, seja no discurso do enamorado, seja na escritura literária, seja nestes seminários, seja os seminários no Collège de France, *Comment vivre ensemble* (1976-77), *Le Neutre* (1977-78), *La préparation du roman* (1979-80) e, se pode dizer, na obra toda de Roland Barthes.

Particularmente *Le neutre, Cours au Collège de France (1977-1978)* (na mesma coleção “Traces Écrites”, 2002), se volta diretamente para uma crítica da assim dita opinião pública, da doxa radicada na “ideosfera”, cuja característica é o paradigma ou/ou que a língua impõe enquanto *língua assertiva*; a arrogância da afirmação: aut-aut, ou sim ou não. A doxa é um discurso natural, óbvio, que se desenvolve por si só. Se trata de um discurso-lei (discours-loi) que não é percebido como tal - e então é majoritariamente eficaz e mais funcional ao poder - e que se apresenta sob formas negativas, que acusam, que fazem sentir culpa, apelando-se ao “respeito de regras certas e compartilhadas”. Para a Doxa, qualquer desejo é sempre satisfeito adquirindo o objeto. “Não não fazemos outra coisa que vender, comprar e trocar desejos” (ivi, 2002b, p. 39). A sociedade de hoje com a sua doxa, se coloca na posição da mãe de um sujeito anoréxico: com a sua lógica consumista, de mercado, não impede os desejos, ao contrário, os impõe, os obriga de acordo com suas satisfações. A ideosfera é interligada com arrogância, com a violência, com o terrorismo. A arrogância do ocidente como vontade de linguagem, como vontade de poder, como redução da História em termos de diacronia de lote, de domínios, de imposições, de autoafirmações. Barthes fala, a esse respeito de “frenesi ocidental” (ibidem).

Hoje, quando os “Mestres” são cada vez mais escassos, em que a arrogância, a violência e o terrorismo da “hidrosfera” aumentam e, para voltar ao tema do livro “*o amor é de uma solidão extrema*” (BARTHES, 1977, p. 3), uma grande gratidão se expressa nos confrontos daqueles que, sob forma de publicação daquilo que permanecia inédito como no caso dos seminários de Roland Barthes sobre o discurso amoroso, ou através dos congressos como aquele no Rio de Janeiro em novembro de 2015 dedicado a Mikhail Bakhtin e ao amor, permitem ainda uma escuta de vozes de outro modo sepultadas sob o cobertor do hodierno silêncio ensurdecedor.

Eis como Rolan Barthes (2015, “Figura 8 : Altro linguaggio” [A linguagem Outra], seminário de 30 de janeiro de 1975) descreve, do ponto de vista do enamorado, a relação entre linguagem amorosa e as outras linguagens de que é feita “artificialmente” a

realidade de hoje.

A linguagem amorosa, “outra linguagem” [...] atrito, fricção insuportável que o enamorado percebe entre a sua linguagem amorosa (para ele: a linguagem justa) e cada outra linguagem: linguagens constituídas pelas mundanidade, pela ciência, pela moda, pela generalização, percebidas com horror como a artificiosidade. [...]

Artificiosidade, sensação de inversão do real. O mundano, o científico, a generalização: falsa realidade. Verdadeiramente real é o Amor “artificiosidade”). Sensação do sujeito enamorado: que o Amor faça com que se possa ver lucidamente a futilidade, a vaidade das linguagens não amorosas. O Amor é mediador de verdade. Alargamento filosófico do sentimento amoroso.

[...] Divergência dos sistemas, a outra linguagem retorna à divergência dos campos, dos sistemas. Dois sistemas divergentes: O Amoroso e o Mundano. Cada sobreposição é intolerável. Então: a nudez das relações com o mundo (de exclusão, de separação). Mas a separação (que é de fato uma valoração) encontra códigos culturais que a alimentam e à ela servem de álibi. [...]

Ao enamorado em ruptura com as coisas mundanas, a socialização, a generalização, a conformidade correspondem a uma estética da assimetria, da inversão, das poucas palavras, da irregularidade. É pelo menos assim que o sujeito enamorado se diz.

Podemos, nesse ponto, voltar ao que Bakhtin retoma no seu ensaio de 1919 a respeito da relação entre arte e responsabilidade, arte verbal, a escritura literária e vida:

Daquilo que vivi e compreendi na arte devo responder com a toda a minha vida, a fim de que tudo aquilo que foi vivido e compreendido não permaneça nela inativo (BAKHTIN, 2014, p. 29).

A referência é à relação de amor entre autor e personagem, como relação de amor que o autor transmite ao leitor, e que se manifesta como envolvimento, participação, não indiferença, preocupação pelo outro, ainda quando se trata de Raskolnikov de *Crime e Castigo* ou de Stavrogin de *Os Demônios* de Dostoiévsky..

Somente porque há uma relação de amor com o personagem é que este último pode manifestar-se na sua singularidade, na sua unicidade, na sua total e irredutível alteridade. Diz Bakhtin em “Por uma Filosofia do ato responsável” (in Mikhail Bakhtin e il suo circolo 2014, p. 147); tr. Brasileira de 2010, p. 128-129:

Una reazione indifferente o ostile è sempre una reazione che impoverisce

e disgrega l'oggetto: passa oltre l'oggetto qual è in tutta la sua varietà, lo ignora o lo supera. La stessa funzione biologica dell'indifferenza consiste nel liberarci dalla varietà dell'esistere, nel farci prescindere da ciò che è inessenziale per noi praticamente: è una sorta di economia, di risparmio nei confronti della dispersione della varietà. È questa anche la funzione dell'oblio.

Il disamore e l'indifferenza non genereranno mai forze sufficienti per farci attardare, soffermare intensamente sull'oggetto, in modo che resti fissato e scolpito ogni suo minimo particolare e dettaglio. Solo l'amore può essere esteticamente produttivo, solo in correlazione con chi si ama è possibile la pienezza della varietà (BACHTIN, 2014, p. 147).

Uma reação indiferente ou hostil é sempre uma reação que empobrece e desintegra o objeto: passa longe do objeto em toda a sua diversidade, o ignora e o supera. A própria função biológica da indiferença consiste em liberar-nos da diversidade do existir, em nos fazer prescindir disso que é não-essencial para nós na prática: é uma espécie de economia, de proteção frente à dispersão da diversidade. É esta também a função do esquecimento total.

O desamor e a indiferença nunca geram forças suficientes para nos deter e nos demorarmos sobre o objeto, de modo que fique fixado e esculpido cada mínimo detalhe e cada particularidade sua. Somente o amor pode ser esteticamente produtivo, somente em correlação com quem se ama é possível a plenitude da diversidade (BAKHTIN, 2010, p. 128-129).

Então aquilo que é vivido na arte, na arte verbal, não deve ser esquecido não deve permanecer inativo na vida: o amor pelo outro, qual condição de uma relação face a face, de singular a singular, de único a único, fora das abstrações, das contraposições identitárias, dos pertencimentos, das contraposições entre “bem” e “mal”, “positivo” ou “negativo”, entre “normal” e “anormal”. Porque “somente uma atenção amorosamente interessada, pode desenvolver uma força intensa o bastante para abraçar e conter a concreta variedade do existir, sem empobrecê-lo e sem esquematizá-lo” (BAKHTIN, 2014, p. 147 ).

## Referências

BACHTIN, Michail. **In dialogo. Conversazioni del 1973 con Viktor Duvakin.** A cura di Augusto Ponzio, tr. dal russo R. S. Cassotti, Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável.** Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

\_\_\_\_\_. **Mikhail Bakhtin em diálogo – conversas de 1973 com Viktor Duvakin.** 2.ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

BACHTIN, Michail. **Michail Bachtin il suo Circolo**. Opere 1919-1930 (tutti i libri e saggi di Bachtin, Vološinov, Medvedev) testo russo a fronte, a cura di Augusto Ponzio con la collab. di Luciano Ponzio, Milano: Bompiani, 2014.

BARTHES, Roland. **Critique et vérité**, Parigi, Seuil; tr. it. di C. Lusignoli e A. Bonomi, *Critica e verità*, con una prefazione all'ed. it. di Roland Barthes, "Al lettore italiano", tr. di B. Bellotto, Torino: Einaudi, 1968.

\_\_\_\_\_. "Al seminario". In: Roland Barthes, **Il brusio della lingua**, Torino, Einaudi, 1988, pp. 343-352.

\_\_\_\_\_. **La camera chiara**. Nota sulla fotografia. Torino: Einaudi, 1980.

\_\_\_\_\_. **Frammenti di un discorso amoroso**. Trad it. di R. Guidieri, Torino: Einaudi, 1981, 214.

\_\_\_\_\_. **Leçon, lezione inaugurale al Collège de France**, 7 gennaio 1977, Parigi, Seuil; tr. it. di R. Guidieri, Lezione, Torino, Einaudi, 1981.

\_\_\_\_\_. **L'ovvio e l'ottuso. Saggi critici III**. tr. it. di C. Benincasa, G. Bottiroli, G. P. Caprettini, D. De Agostini, L. Lonzi, G. Mariotti, Torino: Einaudi, 1985.

\_\_\_\_\_. **Il brusio della lingua. Saggi critici IV**. tr. it. di B. Belletto, Torino: Einaudi, 1988.

\_\_\_\_\_. **Comment vivre ensemble**. Cours et séminaires au Collège de France (1976-77), a cura di C. Coste, Parigi, Seuil, coll. "Traces écrites", 2002a

\_\_\_\_\_. **Le Neutre**. Cours et séminaires au Collège de France (1977-78), a cura di T. Clerc, Parigi: Seuil, coll. "Traces écrites", 2002b.

\_\_\_\_\_. **La préparation du roman, I et II**, Cours et séminaires au Collège de France (1979-80), a cura di N. Léger, 2 voll., Parigi: Seuil, coll. "Traces écrites"; tr. it. a cura di J. Ponzio e E. Galiani, La preparazione del romanzo, Milano: Mimesis, 2003.

\_\_\_\_\_. **Le lexique de l'auteur**. Seminare a l'École pratique des Hautes études 1973-1974 suivi de Fragments inédits du Roland Barthes par Roland Barthes, Parigi: Seuil, coll. Traces écrites, 2010.

\_\_\_\_\_. **Il discorso amoroso**. Seminari all'École pratique des hautes études 1974-76, seguito da Frammenti del discorso amoroso inediti (Paris, Seuil 2007), tr. intr. e cura di Augusto Ponzio, Milano: Mimesis, 2015.

BARTHES, Roland; HAVAS, Roland. Ascolto. In: **Enciclopedia**, Torino: Einaudi, vol. I, 1977, pp. 982-991

NIETZSCHE, Friedrich. La gaia scienza. In: Nietzsche, **La gaia scienza e Idilli di Messina**. Nota introd. di G. Colli, versione di F. Masini, Milano: Adelphi, 1965 e 1977.

PETRILLI, Susan. **Em outro lugar e outro modo. Filosofia da linguagem, crítica literária e teoria da tradução em, em torno e a partir de Bakhtin**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

\_\_\_\_\_. **Nella vita dei segni**. Milano: Mimesis, 2015.

PONZIO, Augusto *et al.* **Fundamentos de Filosofia da linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PONZIO, Augusto *et al.* **Roland Barthes. La visione ottusa**. Milano: Mimesis, 2010.

PONZIO, Augusto. **A revolução bakhtiniana**. 2.ed. São Paulo (Brasil): Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_. **L'écoute de l'autre**. Parigi: L'Harmattan, 2009.

\_\_\_\_\_. **Rencontres de paroles**. Parigi: Alain Baudry & C<sup>ie</sup>, 2010.

\_\_\_\_\_. **Dialogando sobre diálogo na perspectiva bakhtiniana**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

\_\_\_\_\_. **Fuori luogo. L'esorbitante nella riproduzione dell'identico**, Milano: Mimesis, 2013.

\_\_\_\_\_. **Tra semiotica e letteratura. Introduzione a Michail Bachtin**, Milano: Bompiani, 2015.